

**MAKE WOMEN FASCISTS AGAIN: O papel das mulheres na extrema-direita
norte-americana**

THAIS GABRICH GUEIROS PINHEIRO

Resumo: O presente artigo busca apresentar a pesquisa em andamento que pretende compreender o papel desempenhado pelas mulheres no grupo de extrema-direita norte-americano conhecido como *alt-right*. As eleições à presidência dos Estados Unidos de 2016 viram emergir à cena política um grupo que até aquele momento ocupava apenas os cantos obscuros da *internet*. A *alt-right*, contração de *alternative right* (direita alternativa), tomou conta dos noticiários estadunidenses e do debate político, sendo denunciados pela então oponente de Donald Trump, Hillary Clinton, por seu caráter racista, xenófobo e misógino. A primeira demonstração pública da *alt-right*, ocorrida em Charlottesville em 2017, deu face ao movimento: o que se observou naquele 11 de agosto no estado da Virgínia foi uma massa majoritariamente composta por homens brancos e jovens. Os principais porta-vozes da *alt-right* até aquele momento, como Richard Spencer, confirmavam esta imagem. Há, porém, dentro desse movimento esmagadoramente masculino, mulheres que encontraram seu lugar e propósito. Este estudo pretende, portanto, entender a função desempenhada por essas mulheres não apenas dentro de um movimento que tem como um de seus principais pilares a misoginia mas no projeto de sociedade ideado pela extrema-direita norte-americana.

Palavras-chave: Mulheres; Alt-right; Estados Unidos

**MAKE WOMEN FASCISTS AGAIN: The role of women in the North American far
right**

Abstract: This article seeks to present a research in progress that aims to understand the role played by women in the North American right wing group known as *alt-right*. The 2016 United States presidential elections saw the emergence of a group that until that moment occupied only the dark corners of the internet. The alt-right, contraction of alternative right, took over the American news and political debate, being denounced by Donald Trump's then opponent, Hillary Clinton, for their racist, xenophobic and

misogynistic character. The first public appearance of the *alt-right*, which took place in Charlottesville in 2017, gave the movement a face: what was observed on that August 11 in the state of Virginia was a group mainly composed of white young men. The main spokesmen for the *alt-right* until that moment, like Richard Spencer, confirmed this image. Within this overwhelmingly masculine movement there are, however, women who have found their place and purpose. This study intends, therefore, to understand the role played by these women not only within a movement that has misogyny as one of its main pillars but in the society project devised by the American far right.

Keywords: Women; alt-right; United States.

Introdução

Isso não é conservadorismo como nós conhecemos. Isso não é republicanismo como nós conhecemos. Essas são ideias racistas, anti-muçulmanas, anti-imigrantes, anti-mulheres – todos princípios fundamentais que compõem uma ideologia racista emergente conhecida como “Alt-Right”.¹

As eleições de 2016 nos Estados Unidos viram emergir um novo agente dentro de seu campo político. O trecho acima, retirado do discurso proferido pela candidata ao cargo de 45ª presidente estadunidense, Hillary Clinton, colocou em evidência um grupo que já se articulava nos cantos obscuros da internet desde 2008 mas que, com a candidatura do milionário Donald Trump, enxergou sua oportunidade de finalmente ascender ao *mainstream*, ou seja, para fora da sua cultura de nicho e para dentro das mentes das famílias norte-americanas.

O termo *alt-right*, contração de *alternative right* (direita alternativa), foi primeiro utilizado em 2008 em uma conferência em Baltimore, no estado de Maryland, nos Estados Unidos. Foi pensando em uma alternativa à direita que o filósofo, historiador e paleoconservador² Paul Gottfried descreveu um indivíduo jovem de boa formação que

¹ HILLARY Clinton’s alt-right speech, annotated. **The Washington Post**. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2016/08/25/hillary-clintons-alt-right-speech-annotated/?noredirect=on&utm_term=.b7ab409bed81>. Acesso em: 27 mai 2018, tradução nossa.

² O paleoconservadorismo é uma denominação surgida a partir de uma racha dentro movimento conservador americano. Os paleoconservadores têm um programa que visa um maior protecionismo econômico, restrição da imigração, política-extrema não intervencionista e tradicionalismo cultural. É um projeto que não foi vitorioso dentro do próprio conservadorismo, abrindo lugar para o que Gottfried chama de neoconservadorismo.

está no espectro político da direita mas não se vê representado no movimento conservador atual.

Dois anos mais tarde, Richard Spencer, então editor da *Taki's Magazine*, dá início ao site *AlternativeRight.com*. O primeiro texto do veículo, assinado pelo então colunista Richard Hoste, é intitulado “*Why an Alternative Right is Necessary*”³. Nele, Hoste argumenta, assim como Gottfried, que o movimento conservador vigente nada fez para avançar políticas efetivamente conservadoras. Porém, diferentemente do idealizador do termo *alt-right*, Hoste vai mais além: boa parte de seu texto é dedicado à degradação de minorias étnicas e é cercado por argumentos pseudobiológicos que justificariam uma diferença intrínseca entre as raças na sociedade.

Segundo Hoste, o que explicaria as diferenças sociais entre os brancos e as *NAMs* (*Non-Asian Minorities* ou Minorias Não Asiáticas) está ligado ao seu QI e à hereditariedade. Hoste se coloca oposto à intervenção dos Estados Unidos em países do Oriente Médio como meio de “combate ao terror” pois acredita que as políticas que os conservadores deveriam estar implantando – e que seriam de fato efetivas – para pôr um fim ao terrorismo é impedir a entrada de muçumanos no país, pois eles, por si só, apresentam uma ameaça.

Alguns elementos contidos no texto de Hoste podem ser identificados nos pensamentos de Edmund Burke, considerado o fundador do conservadorismo moderno⁴. Burke acredita em um universo regido por leis naturais, sendo a desigualdade, assim, intrínseca aos indivíduos. Desta forma, “todos os homens tem direitos iguais mas não a coisas iguais”⁵. Essa é uma das razões pelas quais Burke critica a Revolução Francesa: sua premissa de igualdade iria contra a natureza hierárquica da sociedade e estaria, então, subvertendo a ordem.

Uma das maiores críticas de Burke à Revolução Francesa é, também, seu maior elogio à Revolução Inglesa: a última foi capaz de fazer a Revolução sem romper com a ordem; com o intuito de preservar suas leis e liberdades, algo que a primeira foi incapaz

³ WHY an Alternative Right is Necessary. **Alternative Right** Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20110826072133/http://www.alternativeright.com/main/the-magazine/why-an-alternative-right-is-necessary/>>. Acesso em: 27 mai 2018, tradução nossa.

⁴ KINZO, Maria D’Alva Gil. Burke: a continuidade contra a ruptura. In: WEFFORT, Francisco (org). **Os clássicos da política**: Burke, Kant, Tocqueville, Stuart Mill, Marx. Vol 2. São Paulo: Ática, 2001. p. 15

⁵ BURKE, Edmund. Reflexões sobre as causas do descontentamento atual. In: WEFFORT, Francisco (org). **Os clássicos da política**: Burke, Kant, Tocqueville, Stuart Mill, Marx. Vol 2. São Paulo: Ática, 2001. p. 37

de fazer. Nota-se que Burke não se opõe, de fato, à mudança, mas acredita que ela deve apenas ser feita “a partir da religião, das leis, dos costumes, das opiniões (...)”⁶, ressaltando uma mudança sem rupturas.

Na sociedade idealizada por Hoste e pela *alt-right*, brancos estão no topo e as minorias não-asiáticas se encontram em seu lugar mais baixo, pois a *alt-right* “(...) tem como certo que igualdade de oportunidade significa diferença de resultados para várias classes, raças, e os dois sexos.”⁷ Assim sendo, o esforço para colocar essas minorias “naturalmente” inferiores no mesmo patamar que os homens brancos por meio de ferramentas como educação e ações afirmativas seria inútil. Então, nas palavras de Hoste, “(...) a humanidade não avançará através da igualdade”⁸.

A *alt-right* passou anos crescendo dentro da *internet* – seja por meio de *blogs*, vídeos no *YouTube*, perfis no *Twitter* ou escondidos nos fóruns do *4chan* – um quadro de mensagens (*message board*) criado em 2003⁹ que abriga diversas subseções destinadas à assuntos específicos e onde os usuários desfrutam da anonimato e da alta tolerância à conteúdos extremistas. O discurso alimentado dentro desses ambientes é o da supremacia racial e masculina, onde não há espaço para o diferente e a igualdade não passa de um “mito perigoso”¹⁰.

Os anos de 2016 e 2017, quando a *alt-right* clama ter tido seu maior crescimento, viram um crescente interesse no movimento nos Estados Unidos. Os discursos violentos nutridos pela *alt-right* passaram a ficar pequenos para os fóruns da *internet*, transformando-se em movimentações reais. O que eram então postagens em redes sociais e *sites* obscuros na *internet* começam a tomar forma de congressos, reuniões e conferências.

A *alt-right* e as mulheres

⁶ *Ibidem*, p. 45

⁷ WHY an Alternative Right is Necessary. **Alternative Right** Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20110826072133/http://www.alternativeright.com/main/the-magazine/why-an-alternative-right-is-necessary/>>. Acesso em: 27 mai 2018, tradução nossa. No original: The Alternative Right takes it for granted that equality of opportunity means inequality of results for various classes, races, and the two sexes. Without ignoring the importance of culture, we see Western civilization as a unique product of the European gene pool.

⁸ *Idem*.

⁹ WENDLING, Mike. **Alt-right**: From 4chan to the White House. Pluto Press, 2018.

¹⁰ WHAT Is the Alt-Right? **American Renaissance**. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=314&v=CJ3B6L2fUA8>. Acesso em: 27 mai 2019.

Os protestos do *Unite the Right*, ocorridos em Charlottesville em 2017, marcaram a primeira vez que a *alt-right* tomou as ruas como um movimento organizado e uniforme, ao lado de grupos neonazistas e da Ku Klux Klan. As fotos divulgadas confirmaram o que podia ser visto nos canais de mídia utilizados para a divulgação dos variados grupos de compõem a *alt-right*: seus apoiadores são brancos e, majoritariamente, homens. Suas faces mais conhecidas, como o notório Richard Spencer, são masculinas.

Há, porém, dentro desse movimento esmagadoramente masculino, um grupo de mulheres que luta pela propagação dos mesmos ideais supremacistas brancos, contra o multiculturalismo e pela preservação da sociedade ocidental. Essas mulheres, que compõem em torno de 1/5 do movimento, segundo Spencer¹¹, desejam recuperar as raízes europeias por meio da constituição de uma família e perpetuação do sangue branco¹². As figuras femininas não são nem de perto tão expressivas quanto as masculinas, mas têm seu papel no movimento: segundo George Hawley, autor do livro *Making Sense of the Alt-Right*, ter as mulheres como face do movimento o torna mais normal e menos ameaçador, ao contrário do estereótipo de nacionalistas brancos¹³.

Apesar das componentes femininas dentro da *alt-right*, a misoginia é extremamente presente no movimento sendo, inclusive, uma parte chave do projeto de sociedade propagado pela *alt-right*. A noção de inferioridade da mulher permeia suas principais bases teóricas e é um forte elemento no discurso das principais figuras da *alt-right* – tanto femininas quanto masculinas.

Julius Evola, autor conhecido nos meios das direitas italiana e alemã, em seu livro *Revolta Contra o Mundo Moderno*, dedica todo um capítulo para discorrer sobre o Homem e a Mulher, suas diferenças e seus deveres divinos, tratando-os como dois opostos. Ser homem ou mulher, para Evola, não seria apenas um acaso ou uma realidade biológica.

(...) homem e mulher são dois tipos diferentes; aqueles que nasceram homens devem realizar-se como homens e aquelas que nasceram mulheres devem fazê-lo como mulheres, superando todas as misturas e promiscuidades. E mesmo no que diz respeito à vocação sobrenatural, homem e mulher devem ambos ter seus próprios caminhos distintos à

¹¹ WOMEM and the Alt-Right. **The Economist**. Disponível em: <<https://www.economist.com/democracy-in-america/2017/02/01/women-and-the-alt-right>>. Acesso em: 31 out 2018.

¹² THE Women Behind The 'Alt-Right'. **NPR**. Disponível em: <<https://www.npr.org/2017/08/20/544134546/the-women-behind-the-alt-right>>. Acesso em: 31 out 2018.

¹³ LADIES' Night at the Alt-right: Meet the Women Trying to Soften the White Nationalist Movement. **Haaretz**. Disponível em: <<https://www.haaretz.com/us-news/.premium-meet-the-women-trying-to-soften-the-white-nationalist-movement-1.5462886>>. Acesso em: 31 out 2018.

seguir, que não devem ser alterados sem que eles se tornem seres contraditórios e inorgânicos.¹⁴

O físico do corpo ao qual uma pessoa é designada ao nascer é equivalente ao seu objetivo espiritual. As diferenças físicas entre os dois sexos não seriam advindas, então, de uma mera coincidência ou de uma existência material, mas sim de uma distinção divina, que indicaria sua vocação como ser humano.

Se o nascimento não é uma questão de sorte, então não é uma coincidência para um ser “acordar” no corpo de um homem ou uma mulher. Aqui também, a diferença física deve ser vista como o equivalente da diferença espiritual; então um ser é homem ou mulher de uma forma física só porque um ser é ou masculino ou feminino de uma forma transcendental.¹⁵

Tendo em vista este pensamento, Evola destaca os papéis assumidos pelos dois sexos, argumentando que os mesmos seriam equivalentes em um mundo onde existe o *heroísmo ativo* e o *heroísmo passivo*. Desta forma, o homem assumiria sua vocação natural como Guerreiro e Ascético¹⁶, representantes da pura virilidade. Como seu oposto, a predestinação da mulher seria de Amante e Mãe.

A mulher, então, teria a chance de atingir o mesmo nível dos homens e de se realizar em seu papel espiritual a partir do ato de pura dedicação e de altruísmo para com um outro ser, seja doando-se para aquele que ama (o homem) ou para o que foi criado por ela (o filho), encontrando assim o significado da vida. É inegável o quão dependente do homem a mulher é para Evola. Toda a sua natureza e o seu propósito estariam ligados ao homem, seja na figura de marido ou de filho, fazendo com que a mulher seja definida relativamente à ele¹⁷.

No caso das mulheres, as ações do guerreiro e do asceta que se afirmam em uma vida que está além da vida, a primeira por pura ação e a segunda por puro desapego, correspondem ao ato da mulher doar totalmente a si mesma e ser inteiramente por outro ser (...) achando nessa dedicação o significado de sua própria vida, sua própria alegria e sua própria razão.¹⁸

¹⁴ EVOLA, Julius. **Revolt against the Modern World**, Vermont: Inner Traditions International, 1995, p. 211.

¹⁵ *Ibidem*, tradução nossa. No original: If birth is not a matter of chance, then it is not a coincidence for a being to "awaken" to itself in the body of a man or a woman. Here too, the physical difference should be viewed as the equivalent of a spiritual difference; hence a being is a man or a woman in a physical way only because a being is either masculine or feminine in a transcendental way.

¹⁶ Ascético é alguém que leva uma vida simples e austera, especialmente aquele que se abstém dos prazeres normais da vida ou nega a si mesma a satisfação material.

¹⁷ DE BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Nova Fronteira, 2014, p.10

¹⁸ EVOLA, Julius. **Revolt against the Modern World**. Vermont: Inner Traditions International, 1995, p. 231, tradução nossa. No original: In the case of women the actions of the warrior and of the ascetic who affirm themselves in a life that is beyond life, the former through pure action and the latter through pure

Escritores contemporâneos da *alt-right* como Jack Donovan e F. Roger Devlin também destacam a diferença entre homem e mulher, do masculino e do feminino. Donovan, em seu livro *The Way of Men*, define o homem se baseando em uma sociedade primitiva onde os seres humanos precisam se dividir em grupos para sua própria sobrevivência e a escolha de quem habita em seus grupos determina seu êxito.

Desta forma, o autor mapeia as características ideais daqueles que seriam componentes destes grupos, baseado no que entende que são suas características biológicas. Donovan entende que, mesmo que “(...) mulheres e homens não apresentassem diferenças físicas e mentais”¹⁹, eles ainda manifestariam diferenças biológicas capazes de determinar seu destino na sociedade. Pertence ao homem todas as características ligadas à maior produção de testosterona, logo eles seriam mais aptos à assumir riscos e melhores em ler coordenadas²⁰. Assim, ao homem seria designado o destino de caçar, lutar, construir e defender: todos os papéis do herói ativo já vistos previamente em Evola. Para a mulher, indiscutivelmente, restaria o papel de mãe, já que, para elas, é inegável o instinto materno.

Para F. Roger Devlin, a fim de cumprir suas obrigações como “criatura, filha, esposa e mãe” a mulher deve ter o poder de autocontrole, principalmente no âmbito sexual. Esse autocontrole de cunho sexual é chamado por Devlin de “modéstia” e o valor da mulher está ligado à ela. A modéstia inclui a castidade antes do casamento e a fidelidade durante ele, principalmente. A mulher, portanto, “tinha o direito de recusar as investidas sexuais de qualquer homem que não fosse seu marido. Mas isso só acontecia porque ela não tinha nenhum direito moral de *aceitar* a proposta de fornicação ou adultério.”²¹ Única e exclusivamente por esta razão o crime de estupro era tido como algo abominável: pelo respeito e proteção da modéstia.

Evola, Donovan e Devlin compartilham entre si a crença na inferioridade natural da mulher. Para os autores citados, utilizados como base teórica para a *alt-right*, o papel da mulher é limitado ao de serva passiva: servindo de boa esposa ao marido, de boa mãe

detachment, correspond to the act of the woman totally giving of herself and being entirely for another being (...) finding in this dedication the meaning of her own life, her own joy, and her own justification

¹⁹ DONOVAN, Jack. **The Way of Men**. Milwaukee: Dissonant Hum, 2012, p. 10, tradução nossa.

²⁰ *Ibidem*, p.8

²¹ DEVLIN, F. Roger. **Sexual Utopia in Power: The Feminist Revolt against Civilization**. São Francisco: Counter-Currents Publishing Ltd, 2015, p. 28, tradução nossa. No original: (...) a woman did indeed have the right to refuse the sexual advances of any man not her husband. But this was only because she was not understood to have any moral right to *accept* a proposal of fornication or adultery.

aos filhos e de reprodutora para a sociedade. O que faria, então, a *alt-right* – um movimento que faz questão de não só não esconder sua misoginia mas torná-la um dos pilares de seu ideal de sociedade – atrativa para as mulheres? Além disso, qual seria seu lugar em um grupo que as enxerga como inferiores? Que papel elas desempenham na promoção da sociedade supremacista branca?

O papel das mulheres na *alt-right*

Eles [a mídia] sabem que, quando as mulheres se envolvem, um movimento se torna uma real ameaça. Lembrem-se, foram as mulheres que elegeram Trump. E (...) para ser bem polêmica, foram as mulheres que elegeram Hitler.²²

O discurso acima foi proferido por Lana Lokteff, integrante do canal de extrema-direita *Red Ice*, durante a conferência *Identitarian Ideas IX* em Estocolmo na Suécia, em fevereiro de 2017. Lokteff falava para seus pares e sua fala sobre Trump e Hitler foi recebida com aplausos de pessoas que já não eram estranhas à menções positivas do líder nazista – como a que ocorreu na realização da saudação nazista, feita por Richard Spencer em novembro de 2016, em uma conferência realizada pelo *National Policy Institute*.

Em seu discurso, Lokteff aborda o assunto do qual virou uma das principais porta-vozes: o papel das mulheres nos movimentos de extrema-direita. As mulheres, segundo Lokteff, são a chave para o futuro dos países europeus. Seu papel se estenderia para além do papel de mãe, se consagrando também como a força que inspira os homens ao seu redor.

Esse tipo de afirmação demonstra que ser mulher nos olhos da *alt-right* carrega suas particularidades. As mulheres não são vistas como seres políticos, porém isso não significa que não exista nenhum papel para elas na promoção dos valores da *alt-right*. Ficar dentro de casa e cuidar da família não tem a ver apenas com reforçar o papel da mulher como submissa ao homem e dependente dele, mas também com a promoção da raça branca, em assegurar a existência daqueles que a *alt-right* almeja tanto proteger.

Ao se dedicar à casa e à família, a mulher assume a responsabilidade de colocar crianças brancas no mundo em meio à uma ameaça de “genocídio branco”, se comprometendo, também, a criá-las de acordo com os valores e crenças da supremacia

²² THEY Want You Dead White Man! Red Ice TV. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XZkumsoVrvk>>. Acesso em: 17 nov 2018.

branca. Como afirma Jared Taylor, dono do *site American Renaissance*, a ajuda que a *alt-right* precisa em casa é tão vital quanto aquela que precisam em qualquer outro lugar.²³

A análise do lugar que essas mulheres ocupam dentro da *alt-right* parte, então, do entendimento sobre a teoria da reprodução social que compreende que as mulheres da *alt-right* desempenham a função não só da reprodução de força de trabalho para a sociedade capitalista, mas da reprodução dela para a sociedade almejada pela *alt-right*. Desta forma, a função da mulher seria não só a de garantir processos da reprodução social no formato de necessidades básicas (comida, higiene etc.), mas a reprodução em seu sentido mais literal: a gestação de crianças brancas. Para além disso, a mulher tem a função de educar seus filhos de acordo com os ideais da *alt-right* para que, no futuro, eles venham a se tornar não só a força de trabalho necessária para manutenção do sistema capitalista, mas a “força de trabalho” apropriada em prol de uma sociedade branca.

Vogel, em seu livro *Marxism and the Oppression of Women: Toward a Unitary Theory*, se propõe a utilizar os conceitos pensados por Marx em *O Capital* para analisar as raízes da opressão feminina.

Segundo Marx, o capital

(...) só surge quando o possuidor de meios de produção e de subsistência encontra no mercado o trabalhador livre como vendedor de sua força de trabalho, e essa condição histórica compreende toda uma história mundial.²⁴

A partir da afirmação que o sistema capitalista gira em torno da apropriação da força de trabalho, Marx busca entender como seu valor é determinado. Ele, no entanto, não se atenta para a seguinte pergunta: como essa força de trabalho, essencial para o funcionamento do sistema capitalista, é produzida e reproduzida?

O *insight* crítico de Vogel envolve interromper a argumentação de Marx, bem neste ponto e perguntar: quais são as condições de possibilidade dessa “mercadoria especial”, a força de trabalho, o próprio pivô da economia capitalista? Qual é a natureza dos processos sociais através dos quais a força de trabalho em si é produzida? A resposta de Vogel é decisiva. “A força de trabalho (...) não é produzida capitalistamente”. Em vez disso, ela é produzida e reproduzida em um “local baseado em parentesco”, a “família da classe trabalhadora.”²⁵

²³ WOMEN in the Alt-Right. **American Renaissance**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MKOSXUcM55E&bpctr=1542547501>>. Acesso em: 18 nov 2018

²⁴ MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**: livro I: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 245

²⁵ FERGUSON, Susan; MCNALLY, David. Capital, força de trabalho e relações de gênero. **Revista Outubro**, n. 29, 2017, p. 34

Tithi Bhattacharya também se debruça sob essa questão: se é a “apropriação de nosso trabalho excedente pelos capitalistas (...) a fonte da sua dominação”²⁶, ou seja, se a força de trabalho produz valor, como ela é reproduzida?

Bhattacharya destaca que a reprodução da força de trabalho é a única mercadoria que é produzida fora do circuito de produção de mercadorias²⁷, ressaltando três processos no qual essa reprodução acontece: atividades que regeneram a trabalhadora fora do processo de produção, permitindo assim, sua volta a ele, ou seja, necessidades básicas como alimentação, higiene, cuidados psíquicos etc.; atividades que mantêm e reabilitam trabalhadores que se encontram fora do mercado de trabalho, sejam eles futuros trabalhadores (crianças) ou adultos que se encontram fora do mercado de trabalho por variados motivos; e por último, a gestação de novos trabalhadores, a “reprodução de *trabalhadores frescos*”²⁸.

Lokteff deixa bem claro que o papel da mulher está diretamente ligado à reprodução da raça branca não só em um sentido estritamente biológico, mas com relação à formação de mentes, com a pretensão de que essas crianças deem continuidade ao trabalho que vem sendo feito pela *alt-right* atualmente. Desta forma, as mulheres supremacistas brancas estão não somente reproduzindo a força de trabalho de sua forma mais literal – parindo crianças brancas – como a estão reproduzindo para trabalharem em prol dos ideais supremacistas.

Desta forma, a necessidade de analisar as mulheres da *alt-right* à luz da teoria da reprodução social vem não só de compreender seu papel como mulheres em uma sociedade capitalista – o de agente na reprodução social, reproduzindo força de trabalho em todos os âmbitos já destacados acima – mas também de entender seu papel essencial na perpetuação da raça branca – assegurando a existência do povo e um futuro para crianças brancas, como coloca David Lane nas conhecidas *14 palavras*²⁹.

²⁶ BHATTACHARYA, Tithi. O que é a teoria da reprodução social?. **Revista Outubro**, n. 32, nov. 2019. Disponível em: <<http://outubrorevista.com.br/o-que-e-a-teoria-da-reproducao-social/>>. Acesso em: 10 set. 2020.

²⁷ *Idem.*

²⁸ *Idem.*

²⁹ Referência às 14 palavras, slogan pensado por David Lane: We must secure the existence of our people and a future for White children (Nós devemos assegurar a existência do nosso povo e um futuro para crianças brancas). Lane fez parte do grupo supremacista branco *The Order*, ativo nos anos 1980 nos Estados Unidos.

Conclusão

Muito há de se investigar ainda sobre o papel das mulheres nos movimentos de extrema-direita, personificados neste trabalho pela *alt-right* estadunidense. A participação ativa dessas mulheres na promoção de uma sociedade branca é complexa. A partir da pesquisa realizada até o presente momento, no entanto, é possível chegar à algumas conclusões.

A *alt-right* não mente em suas intenções. Sua proposição é ser um movimento supremacista racial que tem como principal objetivo assegurar uma pátria branca para pessoas brancas. Sua visão sobre as mulheres também é bastante clara, as reduzindo ao papel de esposa e mãe, responsável pelos cuidados da casa, função esta que é descrita como inerente à figura feminina, como seu dever divino, sua natureza biológica.

Ao longo de seu, até agora, curto período de existência, o projeto racista da *alt-right* se uniu às suas crenças misóginas, resultando no que foi exposto neste trabalho: um movimento racista que, para atingir sua finalidade, precisa da participação feminina de forma objetiva: na reprodução – de forma literal – da raça branca e na educação das crianças para que elas mantenham este ideal vivo.

Fontes

DEVLIN, F. Roger. **Sexual Utopia in Power: The Feminist Revolt against Civilization**. São Francisco: Counter Current Publishing LTD, 2015.

DONOVAN, Jack. **No Man's Land: Masculinity Maligned, Reimagined and Misrepresented**. Disponível em: <<http://www.jack-donovan.com/axis/no-mans-land/>>. Acesso em: 29 nov 2018.

DONOVAN, Jack. **The Way of Men**. Milwaukie: Dissonant Hum, 2012.

EVOLA, Julius. **A Handbook for Right-Wing Youth**. Arktos Media Ltd., 2017.

EVOLA, Julius. **Revolt against the Modern World**. Vermont: Inner Traditions International, 1995.

“DIVERSITY” Is A Weapon Against White People. **Red Ice TV**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nYag1lOZpLw>>. Acesso em: 17 nov 2018.

HILLARY Clinton's alt-right speech, annotated. **The Washington Post**. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2016/08/25/hillary-clintons-alt->

[right-speech-annotated/?noredirect=on&utm_term=.b7ab409bed81](#)>. Acesso em: 27 mai 2018.

LADIES' Night at the Alt-right: Meet the Women Trying to Soften the White Nationalist Movement. **Haaretz**. Disponível em: <<https://www.haaretz.com/us-news/.premium-meet-the-women-trying-to-soften-the-white-nationalist-movement-1.5462886>>. Acesso em: 31 out 2018.

LANA Lokteff – How The Left Is Betraying Women – Identitarian Ideas IX. **Red Ice TV**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BjnH99slHmE>>. Acesso em: 17 nov 2018.

THE Women Behind The 'Alt-Right'. **NPR**. Disponível em: <<https://www.npr.org/2017/08/20/544134546/the-women-behind-the-alt-right>>. Acesso em: 31 out 2018.

THEY Want You Dead White Man! Red Ice TV. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XZkumsoVrvk>>. Acesso em: 17 nov 2018.

WHAT Is the Alt-Right? **American Renaissance**. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=314&v=CJ3B6L2fUA8>. Acesso em: 27 mai 2019.

WHY an Alternative Right is Necessary. **Alternative Right** Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20110826072133/http://www.alternativeright.com/main/the-magazine/why-an-alternative-right-is-necessary/>>. Acesso em: 27 mai 2018.

WOMEN and the Alt-Right. **The Economist**. Disponível em: <<https://www.economist.com/democracy-in-america/2017/02/01/women-and-the-alt-right>>. Acesso em: 31 out. 2018.

WOMEN in the Alt-Right. **American Renaissance**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MKOSXUcM55E&bpctr=1542547501>>. Acesso em: 18 nov. 2018

Bibliografia

ARRUZZA, Cinzia. **Ligações perigosas**: Casamentos e divórcios entre feminismo e marxismo. São Paulo: Usina Editorial.

BHATTACHARYA, Tithi. O que é a teoria da reprodução social?. **Revista Outubro**, n. 32, nov. 2019. Disponível em: <<http://outubrorevista.com.br/o-que-e-a-teoria-da-reproducao-social>>. Acesso em: 28 mai. 2021

DE BEAUVOUR, Simone. **O segundo sexo**. Nova Fronteira, 2014.

BLEE, Kathleen M. Becoming a racist: Women in contemporary Ku Klux Klan and neo-Nazi groups. **Gender & Society**, vol. 10, n. 6, 1996. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/089124396010006002>>. Acesso em: 20 set. 2020.

BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

BURKE, Edmund. Reflexões sobre as causas do descontentamento atual. In: WEFFORT, Francisco (org). **Os clássicos da política: Burke, Kant, Tocqueville, Stuart Mill, Marx**. Vol 2. São Paulo: Ática, 2001. p. 24-27.

BURKE, Edmund. Discurso aos eleitores de Bristol. In: WEFFORT, Francisco (org). **Os clássicos da política: Burke, Kant, Tocqueville, Stuart Mill, Marx**. Vol 2. São Paulo: Ática, 2001. p. 27-30.

BURKE, Edmund. Reflexões sobre a revolução na França. In: WEFFORT, Francisco (org). **Os clássicos da política: Burke, Kant, Tocqueville, Stuart Mill, Marx**. Vol 2. São Paulo: Ática, 2001. p. 31-45.

BURLEY, Shane. **Fascism Today: What it is and how to End it**. Ak Press, 2017.

CARVALHO, Maria Bernadete. **Ser Conservador**. Revista Espaço Acadêmico. N. 50. Julho, 2005.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FERGUSON, Susan; MCNALLY, David. Capital, força de trabalho e relações de gênero. **Revista Outubro**, n. 29, 2017, p. 23-59.

FURLONG, Paul. **Social and political thought of Julius Evola**. Routledge, 2011

HAWLEY, George. **Making Sense of the Alt-Right**. Nova York: Columbia University Press, 2017.

HILL, Jackie. Progressive Values in the Women's Ku Klux Klan. **Constructing the Past**, vol. 9, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://digitalcommons.iwu.edu/constructing/vol9/iss1/6>>.

KERBAWY, Kelli R. Knights in White Satin: Women of the Ku Klux Klan. **Theses, Dissertations and Capstones**, 2007.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**: livro I: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

NAGLE, Angela. **Kill All Normies**. Hampshire: Zero Books, 2017.

NEIWERT, David. **Alt-America**: The rise of the radical right in the age of Trump. Verso Books, 2017.

POGGI, Tatiana. **Alt-Right e a classe trabalhadora branca nos EUA**: a face moderna do conservadorismo contemporâneo. *Marx e o Marxismo*. v.6, n.11, jul/dez 2018.

POGGI, Tatiana. **Faces do Extremo**: o neofascismo nos EUA 1970-2010. 1. ed. Curitiba: Prismas, 2015.

RUAS, Rhaysa. Teoria da Reprodução Social: apontamentos para uma perspectiva unitária das relações sociais capitalistas. **Revista Direito e Práxis**. Ahead of print, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/46086/33034>>. Acesso em: 20 set. 2020.

SPENCER, Herbert. **The Principles of Biology**: Volume 1 (of 2). Litres, 2018.

VOGEL, Lise. **Marxism and the oppression of women**: Toward a unitary theory. New Jersey: Rutgers University Press, 2013.

WENDLING, Mike. **Alt-right**: From 4chan to the White House. Pluto Press, 2018.